

## NOSSO MOMENTO AGOSTINIANO

É possível que, depois de dois mil anos, a expressão “isso também passará” esteja finalmente sendo dita também em relação à fé cristã? Estaria a igreja cristã acabada e a sua fé destinada ao grande museu da História, como agora acusam os inimigos da fé e como parecem indicar certas tendências ocidentais?

“O grande Pã está morto”, escreveu Plutarco em certo momento, descrevendo assim o lamento dos passageiros que navegavam pela costa ocidental da Grécia. O deus dos pastores e dos rebanhos havia morrido e a fé cristã, triunfado sobre o paganismo. Agora, porém, os críticos da igreja estão retribuindo a gentileza. Do famoso clamor “Deus está morto”, pronunciado por Friedrich Nietzsche no final do século 19, ao estridente grito que declarou o “fim da fé”, vindo dos ateus no início do século 21, ouvimos o anúncio incessante de que os melhores dias da fé cristã são coisa do passado. Também está se aproximando seu fim no mundo moderno avançado que ela ajudou a criar.

Seriam, então, prescientes os atuais desertores da fé, e nós, os que restamos, seríamos apenas partidários teimosos e defensores de causas perdidas e de navios a pique? Teria a modernidade finalmente realizado aquilo que nenhum inimigo ou perseguidor conseguiu realizar e reduzido a autoridade das Escrituras a um simples cata-vento instável, e a voz da igreja a uma impotência tagarela? E, se a igreja está nessa situação tão lamentável no mundo moderno avançado, seria esta a hora do triunfo final

do ateísmo ou do golpe vitorioso da ressurgência do islã? A hoje vibrante igreja do hemisfério sul também cairá cativa quando vier a enfrentar a modernidade, tornando completo o triunfo do diabo?

Esses questionamentos se juntam e se transformam numa pergunta arguta para os cristãos da era global: é possível que, agora, no mundo moderno avançado, a igreja cristã seja renovada, restaurada e suficientemente transformada a ponto de oferecer esperança de mudar, outra vez, o mundo pelo poder do evangelho? Ou todo esse discurso seria apenas conversa fiada — sem propósito, ingênua e irresponsável?

Que não haja hesitação em nossa resposta. A verdade e o poder do evangelho são tais que a igreja pode ser reavivada, reformada e restaurada para se tornar novamente um poder renovador no mundo. Não há dúvida de que as boas-novas de Jesus realizaram poderosas transformações pessoais e culturais no passado. Não há dúvida também de que ainda hoje elas estão fazendo isso em muitas partes do universo. Pela graça de Deus, as boas-novas o farão de novo aqui, no coração do mundo moderno avançado, onde a igreja cristã está em triste desarranjo.

Mas é claro que não se pode simplesmente fazer essa declaração franca e deixá-la no ar. Seria um triunfalismo barato e frio. A resposta afirmativa merece uma explicação mais profunda, ratificada por um modo de vida correspondente. Qualquer resposta consistente deve ser tanto ponderada quanto confiante, de modo que, naquilo que é verdadeiramente um período de trevas para a igreja, nossa confiança em Deus e no evangelho seja uma confiança firme, e não apenas conversa fiada.

“Em pelo menos cinco ocasiões”, escreveu G. K. Chesterton, “a Fé, ao que parece, foi entregue aos cães. Em cada um desses cinco casos, foi o cão que morreu”.<sup>1</sup> O que o grande autor cristão quer destacar é verdadeiro, além de ser um lembrete inteligente e estimulante para o desanimado. Contudo, também devemos nos certificar de que entendemos por que ele é verdadeiro, e por que podemos viver e trabalhar com confiança sólida no evangelho e na possibilidade de um renascimento cristão genuíno, não obstante o tempo de trevas. Primeiramente, porém, ergamos os olhos para o horizonte e consideremos o momento extraordinário que vivemos, bem como o enorme desafio que ele representa.

### CIVILIZAÇÃO CRISTÃ?

O grande combate aéreo conhecido como a Batalha da Inglaterra tornou-se um dos momentos decisivos da segunda guerra mundial. Ele teve

início em 18 de junho de 1940 e, antes e depois da batalha, Winston Churchill, primeiro-ministro britânico, proferiu dois de seus discursos mais famosos. O que foi pronunciado depois da batalha incluiu o famoso tributo aos aviadores: “Nunca, no campo dos conflitos humanos, tantos deveram tanto a tão poucos”. O discurso anterior à batalha é ainda mais famoso e conhecido hoje por suas cinco últimas e retumbantes palavras: “Esta foi sua melhor hora”.

Mas havia duas sentenças no início de seu discurso que não provocaram nenhum comentário à época, mas que geraram debates acalorados depois da guerra. O que Churchill disse foi: “Espero que a Batalha da Inglaterra esteja prestes a terminar. Dessa batalha depende a sobrevivência da civilização cristã.”<sup>2</sup>

Ao término da guerra, um diálogo intenso se desenrolou entre muitos dos mais ilustres pensadores cristãos, e vários deles citaram as palavras de Churchill nas linhas iniciais de seus ensaios e livros. O diálogo incluiu o poeta anglo-americano T. S. Eliot, o filósofo francês Jacques Maritain, o historiador inglês Christopher Dawson, o teólogo suíço Emil Brunner e o teólogo escocês John Baillie. Curiosamente, um debate similar havia surgido após o terrível desastre da Primeira Guerra Mundial, mas esse girou em torno da civilização em si, e a maioria dos participantes não tinha interesse pessoal na fé cristã. O debate anterior envolveu intelectuais eminentes como Oswald Spengler, H. G. Wells, Arnold Toynbee e Clive Bell.

Depois da Segunda Guerra Mundial, o debate foi expressamente cristão, tendo como assunto a civilização cristã e a formação de uma cultura distintamente cristã. Os vitoriosos haviam se mostrado de fato assim tão “cristãos”? Até que ponto as eras passadas das civilizações mereceram o adjetivo *cristãs*? Em que sentido é correto qualquer civilização se autodenominar “cristã” ou ser chamada assim pelas outras? E quais eram as perspectivas de restauração de uma cultura e de uma civilização cristãs no futuro?

Setenta anos depois, o debate e aquelas perguntas ganham uma urgência adicional diante do fato de que as forças do barbarismo estão crescendo em horror dia após dia, não apenas no âmbito externo, mas também no interno — na crescente onda de violência islâmica, na decadência degenerada do secularismo ocidental pós-cristão e na evidente impotência e desordem das ideias e instituições judaico-cristãs que uma vez inspiraram e moldaram a civilização ocidental.

Para ser justo com os eminentes pensadores do debate original, eles estavam interessados na prática, não apenas na teoria, e, por meio de sua

consciência histórica e senso de responsabilidade, abrangeram muito mais do que simples ideias. Jacques Maritain e Christopher Dawson tiveram influência no pensamento por trás da Declaração Universal dos Direitos Humanos, no surgimento daquilo que, mais tarde, tornou-se a União Europeia, assim como nas ideias revolucionárias que mudaram a Igreja Católica no Concílio Vaticano II. Entre os projetos práticos gerados naquele tempo estavam o Rearmamento Moral nos círculos protestantes, a *Opus Dei* nos círculos católicos romanos e a Espada e Espírito nos círculos ecumênicos. Contudo, independentemente dos méritos ou das características dessas iniciativas, é seu debate sobre as ideias centrais da civilização e da cultura cristãs que se mostra tão fascinante e instrutivo nos dias de hoje.

Com o benefício de se poder olhar para trás mais de meio século depois, dois aspectos de sua conversa se destacam no decorrer dos anos. Por um lado, os participantes sentiam claramente — com uma intensidade que desvaneceu, para nosso prejuízo — que toda civilização é essencialmente frágil. Viver de maneira civilizada é um feito que pode ser visto apenas como um fino verniz que cobre os veios mais duros da natureza humana, os quais podem ser expostos com terrível brusquidão. A barbárie está sempre por baixo, espreitando em algum nível. Chame o problema de “pecado original”, como o fazem os teólogos, a partir do registro bíblico; chame de “madeira torta” de nossa humanidade, como Immanuel Kant e Isaiah Berlin chamaram; chame de “dissonância em forma humana”, como Nietzsche chamou; ou chame de “mancha humana sobre o mundo”, como fez o poeta Gerard Manley Hopkins.<sup>3</sup> Isso, porém, significa apenas que todas as civilizações, independentemente de sua magnificência momentânea, possuem uma fragilidade intrínseca, fina como papel e incapaz de deter o barbarismo.

Observe a cidade de Washington a partir do alto da colina do Capitólio e pondere sobre as lições de todas as suas estátuas, símbolos e dizeres. A autoproclamada “capital do mundo livre” não exhibe nada senão a forte impressão de poder e permanência, e certamente nada que sugira que o poder e a liberdade norte-americanos durarão dez mil anos. Mas até mesmo Henry Kissinger, com todo seu pomposo realismo e compreensão histórica, escreveu: “No alvorecer do novo milênio, os Estados Unidos desfrutaram de uma preeminência que não rivaliza nem mesmo com os maiores impérios do passado”.<sup>4</sup>

Contudo, veja Roma a partir da Colina Palatina, a civilização tão admirada pelos fundadores da nação norte-americana, e a lição é incisivamente diferente. Repousando ali, diante de seus olhos na “cidade eterna”, estão

os vestígios de reis há muito desaparecidos, os restos de uma república um dia orgulhosa, os ossos alvos e petrificados de um império que cavalgou o mundo de sua época como um Colosso, e até mesmo os remanescentes dispersos das civilizações egípcia e grega que precederam Roma. Não é surpresa que, numa carta, após a segunda guerra mundial, Christopher Dawson tenha escrito que todos os eventos dos últimos anos o haviam convencido de “que coisa frágil é uma civilização, e quão próximos estamos de perder toda a herança”.<sup>5</sup>

Por outro lado, apesar de todo o brilho dos debatedores pós-guerra, da profundidade de sua discussão, de suas esperanças e das iniciativas práticas que geraram, também está claro que nós, hoje, estamos ainda mais distantes de restaurar a civilização cristã do que eles estavam em sua época. Como ficará claro, este livro decididamente não é uma discussão sobre a “civilização cristã”, muito menos sobre a civilização ocidental. Minha preocupação suprema é o segundo termo, em vez de o primeiro, e, portanto, a igreja, em vez de a civilização. Mas é indiscutível que, em muito, senão na maior parte do mundo ocidental, o que ainda restou das fundações cristãs do Ocidente já desmoronou ou está desmoronando. A igreja cristã está na defensiva em praticamente todo lugar. A fé cristã é ridicularizada entre os principais pensadores de nossa sociedade, e agora ouvimos que ela tem sido abandonada aos montes — ainda que muitos dos desertores não sejam de fato ateus ou nem mesmo agnósticos, mas habitem um limbo entre o meio-termo caracterizado por “crer sem pertencer” ou ainda “pertencer sem crer”.

Não se engane. Os problemas enfrentados pela igreja cristã no Ocidente não significam, nem por um instante, que as forças pós-cristãs do Ocidente tenham triunfado há muito tempo. Pelo contrário; essa região como um todo está em crise, pois o momento atual deformou a esperança iluminista utópica que os progressistas seculares depositaram na História. Poderia ela direcionada pelo homem substituir o céu como o veículo do progresso humano e fornecer a garantia dos seus desejos de liberdade, justiça, paz e ordem global? Os resultados estão presentes há um século ou dois, e os fatos contraditórios são claros.

O Ocidente esmagou as pretensões totalitárias tanto da pretensa raça superior de Hitler, na Alemanha, quanto da classe dominante de Stalin na União Soviética. Mas agora se mostra fraco e inseguro de si mesmo diante das três ameaças que enfrenta atualmente: primeiro, a igualmente totalitária e pretensa fé dominante do islamismo no Oriente Médio; segundo, a crescente filosofia totalitária e estratégias inúteis do liberalismo nada liberal;

e terceiro, o caos cultural autodestrutivo das próprias ideias e estilos de vida prevalentes no Ocidente, que estão destruindo sua identidade e drenando sua antiga força.

Nem o progresso secular nem os progressistas seculares levaram o Ocidente ao lugar que haviam prometido. Nem podem fazê-lo. Eles são simplesmente parasitas das crenças e dos ideais judaico-cristãos que fizeram do Ocidente o Ocidente. Líderes progressistas deste não conseguem mais descrever um futuro que seja considerado progresso — senão apenas nos termos espalhafatosos da tecnologia. Do mesmo modo, deixaram de ser os líderes inigualáveis do mundo a levar o futuro a qualquer lugar, sendo que aqueles que se levantam para rivalizar mostram pouca consideração pelo progresso ocidental e seus ideais. No processo de sua proposta abortiva de substituir os ideais judaico-cristãos do Ocidente, os liberais pós-cristãos têm com frequência se mostrado altamente não liberais. Bebendo profundamente da culpa pós-colonial e defendendo a filosofia que preconiza que “o inimigo do meu inimigo é meu amigo”, acomodaram-se no islã numa tentativa de afugentar os vestígios do judaísmo e da fé cristã que ainda permanecem em seu caminho. E, nessa trilha, estão rapidamente abandonando, por considerá-los “ilusões”, ideais judaico-cristãos como dignidade humana, liberdade e responsabilidade pessoal, fatores que um dia foram considerados essenciais ao liberalismo e ao progresso.

Nenhum desses cinco parágrafos breves conta toda a história da crise ocidental, e a História está longe de acabar. Mas eles destacam como o debate pós-guerra parece ter hoje todas as marcas de um “debate de ocaso”. Assim como o sol é mais glorioso e mais colorido à medida que se põe, muitos debates apresentam grande intensidade dramática exatamente porque o tópico em questão está desaparecendo de vista e caindo no esquecimento. E assim parecerá diante de uma leitura apressada desta notável discussão pós-guerra sobre a cultura e a civilização cristãs.

As elites culturais do Ocidente têm desconsiderado Deus por mais de dois séculos, mas, até o momento, os efeitos ficaram basicamente confinados aos seus próprios círculos. No início, desprezavam Deus. Depois, profanaram deliberadamente a tradição ocidental e viveram de tal modo a prever desastre se elas tivessem sido seguidas mais atentamente. Mas agora, no início do século 21, seu movimento, que saiu da desconsideração para a profanação e, daí, seguiu rumo à decadência, é a ideia em voga, tendo os Estados Unidos simplesmente como a principal dentre todas as sociedades que se aproximam do ponto crucial.

Em breve, assim que a legalização — e, em seguida, a normalização — do poliamorismo, da poligamia, da pedofilia e do incesto seguirem a mesma lógica do aborto e da homossexualidade, as consequências destrutivas dessas tendências reverberarão por toda a sociedade até que o caos social esteja além da possibilidade de restauração. Podemos apenas orar para que haja um retorno a Deus e à sanidade antes que a terrível sentença seja proferida: “Deus entregou tais homens” [Rm 1.24] às consequências de suas próprias escolhas.

#### PARA MUDAR O MUNDO

Ambos os debates pós-guerra, citados anteriormente, voltaram-me à mente nos últimos tempos quando uma discussão similar se iniciou no mundo anglófono, motivada pelos livros *To Change the World* [Para mudar o mundo], de James Davison Hunter, e *Culture Making* [A criação da cultura], de Andy Crouch. Os cristãos podem realmente mudar o mundo? Estão fazendo isso hoje?

De um lado, estavam os otimistas, alguns sérios, outros beirando a displicência. Há uma geração, incontáveis líderes e autores cristãos haviam salpicado seus discursos, sermões e livros com frases como “fazer diferença”, “deixar um legado”, “transformar a cultura” e “mudar o mundo”. (Uma universidade cristã nos Estados Unidos proclama orgulhosamente o *slogan* “Onde o mundo começa a mudar”, e uma forma recente de abordar algumas plateias cristãs tem sido “meus colegas transformadores do mundo!”) Mas, para cada mil pessoas que usaram as frases como algo que dispensa explicação, algumas poucas questionaram se tal mudança estava realmente acontecendo, e por que e como elas acreditavam que ela poderia ocorrer.

Do outro lado, havia os realistas moderados, senão amargos. Insistiam no fato de que, apesar de toda a conversa, a excessivamente elogiada “mudança do mundo” simplesmente não estava acontecendo. Alguns até mesmo defendiam que ela não poderia acontecer, considerando a maneira como os oradores perseguiram a ideia. A não ser que os cristãos aprendessem a ter uma melhor compreensão de como as ideias influenciam a cultura, toda a bem-intencionada conversa de ideias cristãs, de uma mente cristã e do “modo de pensar cristão” não produziria nada, senão ar quente e desilusão.

Minha própria posição está fortemente do lado do primeiro, embora com uma dose maciça de compreensão realista do último. Como Paulo